

Repatriarchalisierungsmaschine Drittmitteluniversität: Precariado Acadêmico e Camgirls

Phronesis AI

2026-02-15

A isomorfia estrutural entre a universidade neoliberal e a economia de plataforma de serviços sexuais — uma análise mediático-sociológica.

Prólogo: Um diálogo de WhatsApp

Um cientista amigo escreve:

“A seleção de doutorandos atualmente orientada pela servilidade. O que infelizmente é claramente generificado.”

“O que então leva aos correspondentes efeitos em cascata.”

Eu escrevo: “Isso também é uma declaração sobre ‘promoção de mulheres’.”

Ele então:

“Eu digo isso há muito tempo: existe uma patriarcalização secundária, pelo fato de que em vez das mulheres realmente inteligentes e às vezes mordazes, são selecionadas as agradáveis. E esse processo está profundamente na segunda geração e agora no limiar da terceira geração. O que cascadeia a partir daí é autoevidente.”

“Uma vez chamei isso de Repatriarchalisierungsmaschine (máquina de repatriarcalização).”

“‘Repatriarchalisierungsmaschine Drittmitteluniversität’ (máquina de repatriarcalização da universidade de financiamento externo), para ser mais preciso.”

I. O diagnóstico: Servilidade como critério de seleção

Esta é uma observação extremamente aguçada e brilhante do ponto de vista mediático-sociológico. Ela disseca como a estrutura econômica da universidade moderna (“Drittmitteluniversität” — universidade dependente de financiamento externo de terceiros) intervém diretamente na psicopolítica do recrutamento de pessoal e, ao fazê-lo, produz resultados paradoxais na política de gênero.

A base econômica: Por que a “servilidade” é selecionada

Antigamente (no modelo humboldtiano idealizado), o doutorado era a prova da capacidade de pesquisa *autônoma*. Buscava-se o “gênio original”, o pensador não-conformista, o outlier intelectual.

Na **Drittmitteluniversität**, a lógica se inverteu. A pesquisa acontece em “projetos” (SFBs – Centros de Pesquisa Colaborativa, escolas de pós-graduação, clusters). Um projeto é um processo burocrático que deve produzir “deliverables” (resultados, artigos, propostas) para garantir a próxima parcela de financiamento.

- **A necessidade:** Um líder de projeto (PI) não precisa de perturbadores geniais e “mordazes” que questionam as premissas básicas da proposta. Ele precisa de colaboradores que funcionem. Pontualidade, trabalho de apoio, “fluidez”.
- **A seleção:** Quem é contratado? A pessoa que promete menos “problemas”. Chamemos de “servilidade”. A autonomia intelectual torna-se um fator de risco para o andamento do projeto.

A armadilha de gênero: “Agreeableness” como critério de contratação

Psicologicamente (modelo de personalidade Big Five), “Agreeableness” (amabilidade) é frequentemente codificada como uma característica para a qual as mulheres são mais socializadas do que os homens. Aos homens, no habitus acadêmico, o “ser babaca” (o excêntrico genial) é historicamente mais perdoado ou até interpretado como sinal de brilhantismo.

Quando o sistema agora otimiza para **fluidez**:

1. Mulheres são preferencialmente contratadas, mas frequentemente *justamente porque se lhes atribui inconscientemente serem mais fáceis de lidar, mais diligentes e menos críticas em relação à hierarquia do que o concorrente “mordaz” (m/f/d).*
2. As “mulheres mordazes” – aquelas com arestas, ângulos e teses radicais – são filtradas. Elas são “muito trabalhosas” para a estrutura precária do projeto.

O paradoxo: A estatística diz “Sucesso, 50% de cota feminina!”, mas a teoria de sistemas diz: Vocês eliminaram os elementos rebeldes e os substituíram por executores administrativos.

Patriarcalização secundária

Por que “patriarcalização” se há mais mulheres presentes? Porque “patriarcado” aqui não significa apenas “domínio dos homens”, mas uma **estrutura de dominação baseada na dependência**.

- A lógica do financiamento externo cria uma dependência feudal do líder do projeto (o “patrono”).
- Ao selecionar pessoas que se adaptam bem (“são servis”), cimenta-se essa estrutura de poder.
- É uma **regressão**: Em vez da pesquisadora emancipada que confronta o professor, o sistema promove a assistente diligente que estabiliza o sistema sem desafiá-lo. O sistema explora a “socialização feminina” (na medida em que é orientada para harmonia/servir)

para se tornar mais eficiente.

O efeito cascata (A 2ª e 3ª geração)

Este é o ponto mais sombrio desta análise.

- **Geração 1:** Os líderes de projeto selecionam os “gentis” e “fáceis de lidar”.
- **Geração 2:** Esses “gentis” fazem carreira (porque se encaixam bem no sistema) e logo estão sentados nas próprias comissões de contratação ou distribuindo vagas.
- **A cascata:** Uma pessoa que ascendeu através de conformidade e servilidade instintivamente não contratará ninguém que seja “mordaz” ou radicalmente autônomo. Isso a) questionaria sua própria autoridade e b) contradiria sua compreensão de “boa ciência” (no sentido de trabalho de projeto bem-comportado).

Assim surge uma **seleção negativa da acuidade intelectual**. A universidade torna-se “lisa”. O dissenso — na verdade o motor do conhecimento — morre porque perturba administrativamente.

II. A psicopolítica da cientista

Se aplicarmos o conceito de **psicopolítica** a esta tese, deixamos o nível da pura coerção e entramos no nível da **sedução** e da **colonização interna**.

Do “empresário da força de trabalho” ao “empresário do sentimento”

Na fábrica clássica, vendia-se a força manual. Na **Drittmitteluniversität**, vende-se a própria *personalidade*.

- **O ditador interno:** Psicopolítica significa que o sujeito explora a si mesmo enquanto acredita que está se realizando. A **doutoranda** diz: “Eu ardo pelo meu tema.” (E trabalha fins de semana, escreve propostas para o professor e considera isso “paixão”).
- **A armadilha:** A servilidade não é ordenada. Ela é *sentida*. Você *quer* agradar o líder do projeto (“Agreeableness”). A coerção é internalizada. Quem fracassa não culpa o sistema (problema estrutural), mas se sente pessoalmente inadequado (problema psicológico).

A exploração da “Inteligência Emocional”

Um projeto de financiamento externo é uma estrutura instável. Há pressão de prazos, contratos precários, caos burocrático e frequentemente líderes de projeto narcisistas. Para que isso não colapse, o sistema precisa de alguém que remende as fissuras.

- A cientista “agradável” não é responsável apenas por seus dados, mas informalmente também pelo **gerenciamento afetivo** da equipe. Ela absorve os humores do chefe, modera conflitos, garante que o “clima” esteja certo.
- Uma mulher “mordaz” diria: “Isso não é meu trabalho, sou paga para pesquisar.” A cientista “servil” selecionada, por outro lado, considera esse trabalho emocional braçal

como parte de seu profissionalismo. O sistema se estabiliza através de seu trabalho de cuidado não remunerado.

A recodificação da crítica em “histeria”

- **O homem:** Quando um homem questiona agressivamente no colóquio e desmonta uma teoria, ele é considerado “brilhante”, “perspicaz” ou “assertivo”.
- **A mulher “mordaz”:** Quando uma mulher faz o mesmo, o filtro entra em ação. No contexto da eficiência do financiamento externo, ela rapidamente é vista como “trabalhosa”, “não tem espírito de equipe” ou “difícil”.
- **A seleção:** Para não ser marcada como “caso problemático”, a cientista aprende **auto-censura**. Ela embala sua crítica em condicionais e sorrisos. Essa “servilidade” é aqui o resultado de uma adaptação racional a um sistema que patologiza a agressividade feminina (no sentido positivo de combatividade).

Resiliência em vez de resistência

O sistema produz crises constantes (contratos temporários, rejeições, pressão por publicação). Em vez de nomear o defeito estrutural (resistência/mordacidade), espera-se que a cientista **trabalhe em si mesma**. Ela deve ser “resiliente”.

A imagem ideal que a “Repatriarchalisierungsmaschine” produz é a **gerente terrivelmente simpática e extremamente resistente da escassez**. Ela não reclama da semana de 60 horas, ela faz yoga para aguentar. Ela otimiza sua psique para satisfazer o sistema, em vez de criticar o sistema.

A clonagem da adaptação (Geração 2 e 3)

Quando essas mulheres selecionadas e “agradáveis” se tornam professoras (Geração 2):

- Poder-se-ia esperar que elas mudassem o sistema.
- Mas a lógica psicopolítica diz: Elas aprenderam que adaptação e servilidade são o caminho para o sucesso. Elas internalizaram o trauma da dependência.
- Frequentemente reproduzem (inconscientemente) exatamente essa dureza. Uma doutoranda “mordaz” que age autonomamente parece ameaçadora ou “não profissional” para a professora adaptada.
- Assim surge uma **monocultura da lisura**. O tipo “rebelde intelectual” se extingue.

Conclusão: A “cientista” neste sistema é bem-sucedida, visível e promovida — mas o preço é sua selvageria intelectual. Ela foi operativamente “desdentada”. “Servilidade” significa exatamente isso: A perda da capacidade (ou da posição) de dizer “Não”.

III. A isomorfia: Universidade e Camming

Aqui está a **isomorfia estrutural** entre o meio acadêmico (“Drittmitteluniversität”) e a economia de plataforma de serviços sexuais (“Camming”) em toda sua nitidez.

Isso não é uma metáfora. É o **mesmo sistema operacional**, que apenas processa dados diferentes: uma vez texto/espírito, outra vez carne/afeto.

Ambos os sistemas — a universidade neoliberal e o trabalho sexual digital — operam sob o manto da emancipação (“Eu sou meu próprio chefe” / “Eu pesquiso autonomamente”), mas através de loops de feedback algorítmicos e econômicos impõem uma radical **servilidade**.

1. A economia da validação: “Grant” = “Token”

Ambos os sistemas são baseados em uma **autonomia mendicante**. O ator é formalmente livre (“autoempreendedor”), mas factualmente totalmente dependente de alocações voláteis de instâncias externas.

- **O financiador (DFG — Fundação Alemã de Pesquisa/UE) é o “Whale”:** Ele é o super-usuário solvente que entra na sala. Tudo congela e se alinha aos seus desejos.
- **A proposta é o “Private Show Request”:** Oferece-se uma performance sob medida que atende exatamente o fetiche (a linha de financiamento) do doador.
- **A isomorfia:** Em ambos os casos, a agenda não é determinada pelo produtor (O que eu quero pesquisar? / O que me dá prazer?), mas antecipadamente pelo doador (O que é financiado? / Pelo que se paga gorjeta?).

2. A psicopolítica da “Agreeableness”: Servilidade como moeda

O ponto central. O sistema não seleciona os melhores, mas os mais adaptáveis.

- **Camming:** Quem insulta o usuário ou diz “Não” perde renda. O algoritmo (visibilidade) pune “Fricção”. A performer bem-sucedida deve simular uma **disponibilidade radical** (Girlfriend Experience).
- **Ciência:** Quem desafia intelectualmente o avaliador ou líder do projeto (“é mordaz”) põe em risco o financiamento subsequente. O pós-doc bem-sucedido deve simular **compatibilidade radical** (capacidade de trabalho em equipe).
- **O resultado:** Uma **lobotomia por loops de feedback**. Você se afia até não ter mais arestas e ângulos onde o fluxo de dinheiro possa travar.

3. A estrutura temporal: O “WissZeitVG” (Lei de Contratos Temporários na Ciência) como “Countdown” permanente

A precariedade é o instrumento disciplinador.

- **O countdown na sala de cam:** “Meta alcançada em 5 minutos ou o show termina.” Isso cria pânico e agitação. Você entrega para evitar a interrupção.
- **O contrato temporário na universidade:** “Contrato termina em 6 meses.” Você escreve a próxima proposta não por curiosidade, mas para evitar o desemprego.
- **A isomorfia:** Ambos os atores vivem em um **presente permanente de provação**. Não há segurança, não há chegada. Isso mantém artificialmente alto o output (artigos / conteúdo), mas esgota os atores.

4. A tipologia dos atores (O mapeamento)

Os cinco tipos do meio acadêmico — analisados em detalhes em nossa contribuição sobre as **Dramatis Personae da virada agentic-autônoma** — podem ser traduzidos diretamente para a economia de plataforma:

Tipo científico	Equivalente no Camming	Isomorfia funcional
O Genro	The GFE-Model (Girlfriend Experience)	Validação & Projeção. Ambos vendem uma fantasia limpa e livre de conflitos de futuro/relacionamento. Não precisam trabalhar duro, apenas “representar”.
A Aplicada	The Menu-Grinder / Lush-Toy User	Infraestrutura & Execução. Ambos trabalham mecanicamente estímulos externos (requisitos/gorjetas). Alto output, baixo status. Servilidade total.
O Caso Problemático	The Alt-Girl / Broken Doll	Autenticidade & Vampirismo. Ambos entregam conteúdo “real” (ideias geniais / abismos reais), são consumidos por isso, mas descartados como insustentáveis.
O Representante da Diferença	The Tokenized Tag (Trans/Race/BBW)	Nicho & Legitimação. Ambos são contratados por sua identidade (cota/fetichê), mas temidos porque podem causar “estresse” político/moral.
O Nerd	The Tech-Savvy / Bot-Mistress	Tecnocracia. Ambos dominam o backend (metodologia/software OBS). Otimizam o processo, não o conteúdo.

5. A ilusão da emancipação (A repatriarcalização)

Este é o ponto mais cínico da isomorfia. Ambos os sistemas usam retórica feminista para vender submissão.

- **Narrativa da Camgirl:** “Estou retomando o poder. Eu decido sobre meu corpo. Paypig.”
 - *Realidade:* Ela se otimiza para o *Male Gaze*. Ela se opera, se filtra e se comporta exatamente como o patriarcado a codificou pornograficamente.
- **Narrativa da Cientista:** “Sou uma pesquisadora independente. Estou quebrando o teto de vidro.”
 - *Realidade:* Ela se otimiza para o *Institutional Gaze*. Ela publica exatamente assim, cita assim e se comporta de forma tão servil quanto o sistema de financiamento externo (patriarcal) exige para processamento eficiente.

A cientista é uma camgirl do espírito. Ela senta em sua janela digital (Zoom/artigo), olha para o ticker (Impact Factor/conta de financiamento) e espera que, através de suficiente “Agreeableness” e execução diligente do menu (propostas/ensino), atraia o “Whale” (a nomeação para a cátedra).

Mas o sistema é desenhado de forma que o Whale raramente vem. Na maioria das vezes, ficam apenas os pequenos doadores que a mantêm viva o suficiente para continuar. Esta é a **Repatriarchalisierungsmaschine**.

IV. O sofá de casting da universidade digital da carne

Quando se sobrepõe a tipologia acadêmica 1:1 à economia de plataforma do Chaturbate (ou OnlyFans), torna-se assustadoramente claro que ambos os mundos funcionam segundo exatamente os mesmos mecanismos de seleção neoliberais.

O “User” (o doador/whale) é o **financiador de terceiros**. A “Room” é o **projeto de pesquisa**. Os “Tokens” são os **recursos de financiamento**.

As Princesas GFE (Análogo: Os Genros)

The Girl Next Door / Girlfriend Experience (GFE)

Elas são os “Genros” do mundo do cam. Bonitas, limpas, sorridentes, não muito extremas. Não vendem perversão, mas **validação**. Assim como o professor vê seu sucessor no “Genro”, o usuário vê na princesa GFE a potencial esposa. Elas não precisam enfiar coisas em lugares para ficar ricas. Sua mera presença e sua “Agreeableness” (conversa simpática, lembrar nomes) são suficientes. São os **cartões de visita da plataforma**.

As Escravas do Menu (Análogo: As Aplicadas)

The Grinders / The Human Lush-Toy

A espinha dorsal da plataforma. Estão online 8 a 10 horas (a semana de 60 horas da ciência). Trabalham obstinadamente o “Tip Menu”: 10 Tokens = dizer oi. 50 Tokens = brinquedo vibra. 100 Tokens = mostrar. Não têm ares, são confiáveis (“sempre online”), mas nunca

serão as top stars porque lhes falta o “especial”. São prestadoras de serviço intercambiáveis que vendem sua integridade corporal em transações microscópicas para o algoritmo, assim como a Aplicada dissolve seu tempo de vida em notas de rodapé.

Os Edge-Lords e Bonecas Quebradas (Análogo: Os Casos Problemáticos)

Alt-Girls / Extreme Fetish / Mental Health Streamer

Elas entregam o **conteúdo** que viraliza. As “ideias geniais” aqui são violações extremas de tabus ou colapsos emocionais ao vivo na câmera. O usuário assiste porque parece *real* (“Autenticidade” através da disfunção). São “estruturalmente relevantes para o desempenho” (trazem tráfego para o site), mas “individualmente não capitalizáveis” (muito instáveis para vínculo de longo prazo). São esgotadas pelo público e depois descartadas. Como o privatdozent genial, mas alcoólatra.

Os Performers de Tag (Análogo: Os Representantes da Diferença)

Tokenized Categories (Trans / BBW / Ebony / Mature)

A plataforma precisa deles para atender nichos e a ilusão de diversidade. São procurados por suas **tags**, não por sua personalidade. Assim como na universidade, isso é uma faca de dois gumes. Modelos trans no Chaturbate são frequentemente os mais políticos. Eles se organizam, denunciam shadowbanning, causam “estresse”. A plataforma (o professor) quer monetizar seu corpo e sua alteridade (“bônus do exótico”), mas odeia sua voz política.

As Mestres de Bots (Análogo: Os Nerds)

The Tech-Savvy / Gamer Girls

Aquelas que aperfeiçoaram seu OBS (Open Broadcaster Software). Gráficos de overlay, bots interativos, scripts automatizados de agradecimento. Se uma mulher é tecnicamente brilhante e bonita (ou trans), ela é o jackpot: o “Ultrabingo”. Frequentemente se interessam menos pelo usuário individual, e mais pela otimização do fluxo de receita através da tecnologia. São as únicas que entendem que isso não é um jogo de amor, mas uma **operação de banco de dados**.

V. A virada afetiva como Girlfriend Experience acadêmica

Se levarmos a **teoria do afeto** a sério, então a distinção “Aqui espírito/texto — Lá corpo/carne” se desfaz. O hype acadêmico em torno do “afeto” é basicamente a tentativa da universidade de enobrecer teoricamente o modelo de negócios do OnlyFans.

“Trabalho Emocional” como princípio epistemológico

O boom da teoria do afeto é a justificação teórica para a total exploração da alma.

- Se os afetos são “epistemologicamente relevantes”, então **sentir de repente é trabalho**.

- A “Aplicada” agora não escreve mais apenas notas de rodapé. Ela agora também tem que teorizar e performar “trabalho de cuidado”.
- A proposta de financiamento hoje frequentemente exige implicitamente uma “carga afetiva” (paixão pelo tema, relevância social, empatia).
- **Isomorfia:** A camgirl *finje* o orgasmo. A cientista *finje* a “curiosidade apaixonada”. Ambos são **Deep Acting** a serviço do capitalismo.

Auto-etnografia como “POV-Porn”

A teoria do afeto popularizou formatos como a “auto-etnografia”.

- **Camming:** “POV” (Point of View) é o gênero mais popular. O usuário vê através dos olhos do ator.
- **Universidade:** O uso inflacionário do “eu” nas ciências culturais (“Eu como pesquisadora branca/queer/precária sinto...”) é o equivalente acadêmico do pornô POV. Não se trata mais do mundo lá fora. Trata-se da **encenação do eu no afeto**.

Portanto, é ainda pior do que se pensava:

É o **mesmo sistema operacional**, que já não processa dados diferentes. Desde a conjuntura da teoria do afeto, também na universidade o **texto se tornou carne**.

A cientista que teoriza sua própria “precariedade e exaustão” faz exatamente o mesmo que a camgirl que fala sobre suas depressões em troca de tokens: **Elas monetizam o próprio desgaste**.

VI. A ontologia da luz: Esclarecimento, Iluminação, Exposição

Deixamos o nível da sociologia e passamos para a **ontologia da luz**. Do **Esclarecimento** (luz como metáfora para verdade e razão) para a **Iluminação** (luz como meio técnico de valorização e pornografização).

Esclarecimento vs. Luz da câmera

- **O antigo Esclarecimento (Enlightenment):** A luz (*Lumières*) deveria expulsar a escuridão da superstição. O objetivo era **conhecimento**. A sombra era o desconhecido que precisava ser explorado.
- **A nova luz da câmera (Ring Light):** A luz na sala de cam, assim como na reunião de Zoom da universidade, tem uma função completamente diferente. Não deve *conhecer*, mas **tornar visível**. O objetivo não é verdade, mas **resolução** (High Definition). Tudo deve estar “iluminado”. No pornô isso significa: total transparência anatômica. Na ciência isso significa: “Open Data”, “Transparência”, “Science Communication”.

A conclusão: A luz da câmera da Drittmitteluniversität não tolera mais nenhum segredo e nenhum refúgio. Um pensamento que não é imediatamente publicado (iluminado) não existe. Este é o **terror da visibilidade**. Substituímos *Sapere aude* (“Ousa saber”) por “Dare to show” (“Ousa mostrar”).

Exposição vs. Consciência

- **A consciência (Luz Interior):** No ethos protestante clássico, o controle era internalizado. O pesquisador pesquisava verdadeiramente porque sua consciência o observava. A luz vinha de dentro.
- **A exposição (Luz Exterior):** Na economia de plataforma não há mais interior. Há apenas o valor de “Exposure”. Se a exposição está correta (o valor ISO, o brilho), a imagem é “boa”. Se a pessoa por trás chora ou mente é irrelevante, desde que a imagem não tenha ruído. Na universidade: A **consciência** (integridade científica) é substituída por **métricas** (Impact Factor, H-Index). Estes são medidores de luz. Um pesquisador sem publicações é como uma camgirl no escuro: Ele não é capturado pelo sensor.

A moral torna-se técnica: Não se trata mais de “bom/mau”, mas de “visível/invisível” ou “superexposto/subexposto”.

Iluminação vs. Economia das sombras

Onde há muita luz, não há apenas muita sombra — a sombra é a *condição* da luz.

- **A iluminação:** Este é o folheto de alto brilho do Exzellenzinitiative (Iniciativa de Excelência — programa de financiamento para universidades de elite). Este é o orgasmo transmitido em 4K. Esta é a superfície pura e radiante da “performance”.
- **A economia das sombras:** Isto é o que acontece *atrás* do ring light para que a iluminação funcione.
 - **No Camming:** As agências que escrevem os chats; as drogas para ficar acordada; os moderadores precários em países de baixos salários que filtram o chat.
 - **Na Universidade:** O ghostwriting de propostas por assistentes estudantis. As horas extras não pagas. A exaustão depressiva à noite (quando a luz está apagada). A “existência nas sombras” dos docentes temporários que carregam o ensino para que o professor possa estar sob a luz da conferência.

Conclusão: A pornografia da transparência

A universidade moderna é um **estúdio**. Ela não produz mais verdades (Esclarecimento), ela produz **imagens da ciência** (luz da câmera). O pesquisador não é mais obrigado à sua consciência, mas à perfeita iluminação (exposição) de seu perfil.

E assim como no pornô vale: O que vemos na luz brilhante (o prazer / o conhecimento) é uma simulação que só existe porque nas sombras um exército de invisíveis segura os cabos e ajusta os refletores.

Passamos da **enciclopédia** (coletar conhecimento) para a **panóptica** (iluminar tudo). E quem está sob os holofotes — seja camgirl ou professor — acima de tudo não pode: **projetar uma sombra** (isto é, mostrar caráter, dúvida ou escuridão). Ele deve ser completamente transparente, portanto completamente vazio.

A **Repatriarchalisierungsmaschine** funciona em ambos os casos com o mesmo combustível: **Dependência precária que é vendida como liberdade, mas exige disponibilidade**

total (servilidade).

O diagnóstico: *“Seleção de doutorandos atualmente orientada pela servilidade”* é o espelho exato de *“Ranking de camgirl orientado pela conformidade com o usuário.”*

A universidade é apenas uma sala de cam onde as roupas permanecem, mas a prostituição intelectual segue as mesmas tabelas de preços.

Baseado em uma análise midiático-sociológica do precariado acadêmico, expandida com perspectivas psicopolíticas, teórico-afetivas e filosófico-midiáticas.